

Dificuldades aumentaram em 1982

O estudo realizado pelas Nações Unidas indicou que a dificuldade maior dos países do Terceiro Mundo para o pagamento da dívida externa ficou mais grave a partir de 1982. Naquele ano, os países subdesenvolvidos levantaram US\$ 52 bilhões em empréstimos novos e não conseguiram sequer pagar o serviço da dívida. Em 1983 deviam mais do que no ano anterior e continuavam com os mesmos problemas, agravados com o acréscimo da dívida.

Nesse sentido, o Brasil é um exemplo do que acontece com todos os países endividados. Em 1984, quando tinha boas relações com o Fundo Monetário Internacional e por isso mesmo contava com sua cobertura para negociar com os credores, o Brasil fechou um acordo de renegociação da dívida externa, anunciado pelo Governo de Brasília como solução definitiva para o problema. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito que funcionou na Câmara dos Deputados sobre o endividamento brasileiro chegou à conclusão que o Acordo, além de submeter a economia brasileira à direção do FMI, faria o Brasil pagar US\$ 60 bilhões em cinco anos, para abater US\$ 10 bilhões do total devido (a diferença de US\$ 50 bilhões, seria para pagar juros).

Dessa maneira, o Brasil precisaria de 53 anos para pagar toda a dívida. Nesse período os brasileiros deveriam exportar para pagar a dívida e esquecer qualquer veleidade de crescimento econômico.

Para os técnicos da ONU, há uma série de obstáculos que tornam impossível o pagamento da dívida, com a ordem econômica mundial atual:

- Prazos de pagamento mais curtos do que seriam necessários, para que os empréstimos externos obtidos ofereçam rentabilidade;

- Taxas de juros cada vez mais elevadas.

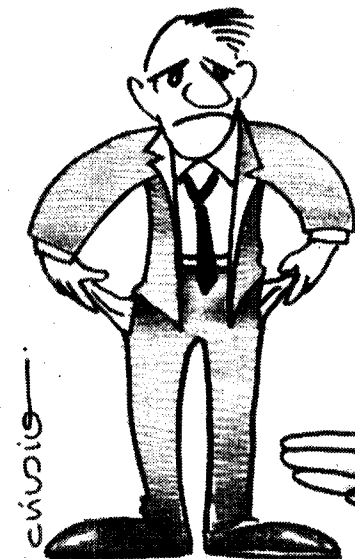
- Peso dos desembolsos para pagamento da dívida sobre as economias dos devedores;

- Utilização do dinheiro conseguido no exterior em projetos de rentabilidade duvidosa.

A esses problemas juntam-se, ainda, outros fatores não ligados diretamente à dívida, mas que exercem influência direta sobre as economias dos países do Terceiro Mundo, determinando seu estado de insolvência crônica:

- A contínua deterioração dos preços das matérias-primas (principais produtos de exportação desses países) no comércio mundial.

- O aumento da inflação no mundo, que é repassada aos países pobres através do aumento dos juros e de manobras cambiais, além das constantes altas dos preços dos produtos industrializados, importados



pelos países em desenvolvimento.

Em 1982, por exemplo, quando os países devedores conseguiram empréstimos de US\$ 52 bilhões, a valorização do dólar aumentou a dívida desses países em US\$ 170 bilhões, segundo informa a ONU.

Frederick Clairmont, membro do Secretariado da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Cnuced) chama atenção para o fato de que os países em desenvolvimento têm reservado 25% da renda cambial de suas exportações para o pagamento da dívida externa (até a moratória o Brasil vinha reservando, nos últimos cinco anos, 23,5% para esse fim). Segundo este alto funcionário da ONU, essa taxa de dispêndio com o pagamento da dívida explica o atraso econômico dos países do Terceiro Mundo.

O modelo exportador adotado pelos países subdesenvolvidos para obtenção das divisas necessárias ao pagamento da dívida externa implica restrições ao mercado interno, o que é feito através de políticas de arrocho salarial, aumento de impostos e subsídios às exportações, e mais impostos para a população. Para comprar os dólares faturados no exterior pelos exportadores, o Governo emite títulos da dívida pública e novamente aumenta impostos, alimentando a inflação. Ao emitir dinheiro e lançar títulos no mercado interno, o Governo aumenta a dívida pública, que é paga pelo contribuinte.

Ao assumir outra vez o compromisso de voltar ao Fundo Monetário Internacional, o Governo brasileiro, com o objetivo de diminuir o déficit público, não terá como fugir das imposições do FMI como cortar o déficit público, mesmo às custas do cancelamento de projetos necessários ao desenvolvimento econômico. Terá de

MERCADO

FAMÍLIAS	EMPRESAS	%DO COMÉRCIO
Cargill/Mc Millan..	Cargill.....	25
Michel Fribourg....	Continental Grains.....	23
Louis Dreiffus.....	Dreiffus.....	23
Borg/Hirst.....	Borg & Born.....	10
André.....	André.....	9

reajustar as tarifas públicas em nível superior à inflação e aumentar as taxas de juros para tornar o crédito mais difícil, caminho seguro para diminuir o consumo interno. Terá, enfim, de fechar uma série de estatais e demitir seus funcionários, diminuindo a máquina administrativa, exatamente como estava propondo o Ministro Bresser Pereira, um dos defensores da reaproximação do Brasil com o FMI.

Quando decidiu optar pelo modelo exportador para o pagamento da dívida externa, o Governo brasileiro partiu da constatação de que a capacidade de levantar dinheiro no exterior estava exaurida e que a capacidade da poupança interna também não poderia mais ser ampliada. A dívida do Governo brasileiro no mercado interno de títulos é de CZ\$ 54 trilhões, que correspondem a US\$ 80 bilhões, o mesmo que o País deve aos bancos privados.

Segundo os analistas internacionais, são as piores possíveis as perspectivas do comércio internacional para os próximos anos, o que torna a situação dos países em desenvolvimento, particularmente do Brasil, ainda mais difícil. Cerca de 40% de todas as exportações dos países industrializados têm sido absorvidas pelos países subdesenvolvidos. Esta relação está caindo há três anos, em função do agravamento da crise dos países devedores. Em 1987 esta proporção ficará um pouco acima de 30%, o que já se reflete no déficit comercial dos Estados Unidos, que este ano alcança US\$ 145,3 bilhões.

A crise americana é um complicador à parte, nas perspectivas do comércio mundial. Os americanos chegam ao fim do ano com uma dívida externa da ordem de US\$ 400 bilhões, além de uma dívida em títu-

los, no mercado interno, que alcança US\$ 2,4 trilhões. Para saneamento da economia a longo prazo, seus próprios analistas prevêem um longo período de restrições às importações, esforço para aumento das exportações, juros altos, e execução de programas draconianos de cortes nas despesas. O mercado americano, portanto, estará cada vez mais fechado aos produtos dos países do Terceiro Mundo, que vão enfrentar barreiras cada vez maiores nos Estados Unidos.

Edouard Saouma, Diretor da Agência da ONU para Agricultura e Alimentação (FAO), disse em um seminário que se realizou recentemente em Paris, sobre os problemas econômicos do Terceiro Mundo, que as dificuldades desses países no comércio externo decorrem do fato de que um pequeno número de empresas comanda o comércio mundial, ditando os preços que lhe interessa.

Saouma citou como exemplo o caso dos alimentos, sua especialidade, cujo comércio é dominado por cinco famílias — Cargil e Mc Millan, Michel Fribourg, Louis Dreiffus, Borg e Hirst. O resultado desse cartel é que hoje os preços dos produtos de alimentos exportados pelos países subdesenvolvidos estão abaixo dos preços de 1960.

O mesmo fenômeno acontece com os preços das matérias-primas exportadas pelos países em vias de desenvolvimento. Segundo um relatório do Banco Mundial e os levantamentos da Cnuced, não se pode pensar em aumento dos preços de exportação desses produtos, porque eles são definidos nas Bolsas de Nova York e Londres, dominadas pelos países importadores, onde um pequeno número de empresas ditam os preços.